

“O Buraco de Otilia”, um sucesso do teatro de revista pernambucano

“O Buraco de Otilia”, a magazine theater hit from Pernambuco

Leidson Malan Monteiro de Castro Ferraz

Doutorando em Artes Cênicas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: leidson.ferraz@gmail.com

Resumo: Em janeiro de 1958 estreou no Teatro de Santa Isabel, a mais importante casa de espetáculos do Recife, a revista carnavalesca *O Buraco de Otilia*, realização da Companhia Portátil de Revistas Valença Filho, reunindo 60 artistas profissionais do meio local, entre atores, vedetes, coristas, dançarinos populares, cantores e orquestra. Inicialmente enfrentando a resistência de cronistas teatrais contrários à ocupação daquele gênero de teatro musicado, cômico e popular em palco tão imponente, a revista *O Buraco de Otilia* – cujo título, de inegável sabor picante à primeira vista, prestava homenagem a um famoso restaurante regional – transformou-se num verdadeiro sucesso da história revisteira pernambucana, completando quase dois meses em cartaz (muito para a época), com elogios até de seus detratores e dando o pontapé para outras produções da equipe. A partir de fontes jornalísticas, este artigo mapeia a repercussão causada pelo espetáculo, ao mesmo tempo em que delinea características da montagem travando um diálogo com as reflexões de pesquisadores voltados ao teatro de revista, inclusive sobre aqueles anos de derrocada do gênero junto à plateia carioca, tudo no intuito de lançar luz a uma produção teatral do Recife hoje completamente esquecida.

Palavras-chave: Teatro de revista; História; Recife; Teatro pernambucano.

Abstract: In January 1958 it premiered at the Santa Isabel Theater, Recife's most important theater, the fussy magazine theater play *Otilia's Hole*, held by the Valença Filho Magazine Theater Company, bringing together 60 professional artists from the local scene, including actors, vedettes, choristers, folk dancers, singers and orchestra. Initially facing the resistance of theatrical chroniclers opposed to the occupation of that genre of music, comedy and popular theater on such an imposing stage, the magazine theater play *Otilia's Hole* – whose title, of undeniable spicy taste at first sight, paid homage to a famous regional restaurant – became a true success of the magazine theater history of Pernambuco, completing almost two months in theaters (much for the time), with praises even of its detractors and opening space for other productions of the team. From journalistic sources, this article maps the repercussion caused by the show, at the same time as it delineates characteristics of the play's setting, holding a dialogue with the reflections of researchers focused on the Brazilian magazine theater, including those years of collapse of the genre next to the audience from Rio de Janeiro, all in order to shed light on a kind of theatrical production from Recife today completely forgotten.

Keywords: Magazine theater; History; Recife; Theater from Pernambuco.

Faltou luz na estreia. Mas não só o Teatro de Santa Isabel ficou às escuras, como quase todo o Recife também. Ainda assim, essa pane geral não impediu que a revista carnavalesca *O Buraco de Otilia*, naquela noite de 31 de janeiro de 1958, estresse já com sucesso na mais importante casa de espetáculos da capital pernambucana. E não foi fácil chegar lá. Produzida pela Companhia Portátil de Revistas Valença Filho, que havia voltado recentemente de uma longa excursão por “lugares inóspitos” do Brasil e até da Bolívia, apresentando-se em verdadeiros “barracões”, a peça aportou com sua equipe cheia de reticências e dúvidas naquele espaço, além do medo de não agradar aos exigentes espectadores do local, nada afeitos ao gênero do teatro de revista, ou seja, de perfil assumidamente cômico-crítico-musical e, mais, popular. Mas a ousadia do ator-empresário e líder de tudo aquilo, o pernambucano Valença Filho, natural da cidade de Vitória de Santo Antão, deu certo.

Medeiros Cavalcanti, um dos cronistas teatrais da época, comentou no *Jornal do Commercio* (8 fev. 1958: 6) sobre o possível fracasso que se esperava, afinal, segundo ele, “O espetáculo teria de se manter num nível de pureza e aprumo artístico quase difícil de conceber, tão viciados andamos com espetáculos de revistas chinfrins”. Sua crítica um tanto generalista sobre o que se via naqueles tempos nos faz voltar ao início dos anos 1950, período de retomada do teatro de revista no Recife, e mapear algumas das atrações que cumpriram temporadas em espaços como o Teatro de Emergência Almare, o “teatrinho” do Atlético Clube de Amadores, o Palácio do Rádio, da Rádio Clube de Pernambuco (PRA-8), além dos auditórios das Rádios Tamandaré e Jornal do Commercio; o Teatro Marrocos, com bem mais assiduidade, e, muito raramente, o Teatro de Santa Isabel.

Da presença estrangeira em toda a década de 1950, apenas a Companhia Internacional de Revistas Mágicas Richardi Júnior, da Argentina, deu o ar da graça, unindo o teatro de revista a números de ilusionismo. Já oriundas do Rio de Janeiro, maior centro de produção do gênero no país (mas não só), constam a Troupe de Revistas de Bolso, liderada pelo artista Raul Roulien; Dercy Gonçalves e Sua Cia. de Revistas Portáteis, a Companhia de Revistas do Teatro Jardel, dirigida pelo empresário e dramaturgo Geysa Bôscoli; a Cia. Carioca de Teatro Musicado, sob direção de Armando Nascimento; Júlio Gonçalo e Seus Artistas e as companhias de revistas Silva Filho, Gracinda Freire, Walter D’Ávila, Geysa Bôscoli e Colé Santana, intituladas com o nome de sua estrela maior, todos artistas-empresários.

Vale registrar ainda que núcleos locais como o Grupo Teatral de Amadores, do Atlético Clube de Amadores; a efêmera Companhia de Revistas Musicadas, com direção geral do paulistano Otávio Augusto Vampré; a Companhia de Revistas Bar-

reto Júnior, também com algumas poucas iniciativas e até mesmo assinando Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, além do Teatro Gráfico de Amadores e da empresa Toscano & Ribeiro, esta última tendo à frente o ator e diretor carioca Paulo Ribeiro, ex-integrante da Companhia de Comédias Bibi Ferreira e já residindo e trabalhando no Recife, também aventuraram-se a incluir nos seus repertórios sessões de alguns poucos espetáculos no estilo. Isto sem falar nas produções voltadas ao público infantojuvenil, como as “revistas infantis” realizadas pelo Educandário Imaculada Conceição, Escola de Aplicação e Grupo Infantil de Comédias.

O fato é que, a partir da década de 1950, numa espécie de retomada do que acontecia nos anos 1920 e 1930 especialmente¹, o Recife reviveu a febre do teatro de revista, com presença maciça de um público variado. Além das turnês de atrações visitantes a cada início e término de ano, graças à transferência e consequente ampliação do Teatro de Emergência Almare para o Parque 13 de Maio, onde acontecia a popular Festa da Mocidade – que cada vez mais investia na contratação de grandes companhias (ao final de 1951, por exemplo, o contrato da Casa do Estudante de Pernambuco, promotora do evento, com Dercy Gonçalves e Sua Cia. de Revistas Portáteis custou quase 1 milhão de cruzeiros) –, empreendedores da cena local teimavam em promover espetáculos do gênero revisteiro, ainda que a época, pelo menos no Rio de Janeiro, já não fosse das melhores. É esta a impressão deixada pelos pesquisadores do teatro de revista, quase todos com atenção voltada ao cenário teatral carioca e, em alguns poucos casos, paulistano. Delson Antunes, por exemplo, no livro *Fora do Sério – Um panorama do teatro de revista no Brasil* (2004: 132), afirma:

No fim dos anos 50, o panorama da revista brasileira era melancólico. Ainda havia uma parcela da classe média que prestigiava a música variada, os cenários deslumbrantes e as belas mulheres enfeitadas de plumas e paetês que desfilavam nos palcos dos grandes espetáculos. Porém, a cena permanece sufocada, incapaz de apresentar outros atrativos ao público. (ANTUNES, 2004: 132)

Salvyano Cavalcanti de Paiva, por sua vez, no livro *Viva o Rebolado!: Vida e morte do Teatro de Revista Brasileiro* (1991: 611), comenta que, já naqueles “anos de agonia”, “a revista continuou rastejando como os vermes dos antiquados cemitérios,

¹ O decênio 1920 foi bem mais intenso para o teatro de revista no Recife muito por conta da chegada de importantes companhias dedicadas ao gênero, a exemplo da Companhia Nacional de Revistas e Operetas, do Rio de Janeiro, com o ator Brandão Sobrinho entre suas estrelas; da Companhia Regional, dirigida pelo ator A. [Alexandrino] Rosas; da Companhia Negra de Revistas, com Grande Otelo ainda como um artista menino; e, em maior destaque, pela temporada da francesa Ba-Ta-Clan e da Grande Companhia Espanhola de Revistas e Operetas Velasco, atrações internacionais que chocaram parte do público pernambucano pela ousadia dos corpos femininos à mostra.

olhada com a indiferença da elite intelectual e a ignorância das jovens gerações”. Pelo seu olhar, tratava-se de um “defunto insepulto”, infelizmente. O curioso é que aquela noite de 31 de janeiro de 1958, no elegante e quase inacessível Teatro de Santa Isabel para os revisteiros de plantão, marcaria a reviravolta do gênero em terras pernambucanas, contrariando aqueles que, como ele, achavam que as plateias só afastavam-se cada vez mais. E o entusiasmo no Recife era tamanho, que nem mesmo a ausência de luz impediu que *O Buraco de Otilia*, “revista carnavalesca por excelência e de sabor exclusivamente local”, segundo Adeth Leite no *Diário de Pernambuco* (15 jan 1958: 8), estresse sob aplausos vigorosos. Tanto que em crônica para o *Jornal do Commercio* (11 fev 1958: 6), Medeiros Cavalcanti relatou que, mesmo com a cidade às escuras, a congratulação entre atores, músicos e público foi vibrante na estreia:

Privados do ponto [função que ainda perdurava no teatro recifense, com um profissional “soprando” falas aos intérpretes diante dos esquecimentos], os atores começaram a improvisar com bastante espírito, para gáudio da assistência, que inflamava fósforos e batia palmas. Quando a improvisação não pôde continuar, coube à orquestra uma atitude simpática, tocando para a plateia imersa na escuridão, enquanto as torrinhas logo se manifestavam, acompanhando as canções com assobios e marcações de pés. Vivia, assim, o Santa Isabel uma noite completamente diferente das suas habituais. (CAVALCANTI, 11 fev 1958: 6)

Estava ali selado o pacto para fazer surgir um sucesso da história do teatro de revista pernambucano. Com texto do próprio ator-empresário Valença Filho, em parceria com o dramaturgo e ex-crítico teatral Luiz Maranhão Filho, *O Buraco de Otilia* contava com 14 quadros, incluindo um esquete dramático, além de prólogo e apoteose, tendo o ator paraense Lúcio Mauro, já radicado há anos no Recife, à frente da direção geral do espetáculo. Primando por um título de inegável sabor picante à primeira vista, a obra, na verdade, prestava homenagem, segundo registro de Medeiros Cavalcanti para o *Jornal do Commercio* (31 jan 1958: 6), a um “famoso boteco regional do fim da rua da Aurora (Restaurante Capibaribe), à margem do rio, onde se diz poder encontrar-se os melhores pratos da terra condimentados a capricho”.

Prometendo-se luxuosa e arregimentando 60 artistas profissionais do meio local, a montagem ousou ficar em cartaz no período carnavalesco e deu muito certo, completando quase dois meses de temporada ininterrupta, um feito para muitos naquela época. No elenco de atores, vedetes e coristas, nomes como o próprio diretor Lúcio Mauro, Lindberg Leite, Lourdes Bergmann, José Bustorff, Mary Gil, Lolita Batista, Ângela Wanderley, Jaime Correia, Odilon Bueno, Laurimar Soares, Maves Gama, George Gomes, Índia Dalva, Rina Maris e Brivaldo Gouveia, além da participação dos Caboclinhos Tupinambás e do passista de frevo Egídio Bezerra, ou seja,

dançarinos populares; das cantoras Maria José e Elvia Lane, do músico instrumentista Dominó, um exímio pandeirista e sapateador, e de orquestra especialmente composta sob a batuta do maestro Rocha Lima. Ainda na equipe técnica, Aníbal Mota, responsável pela luz; Aluísio Santana como cenotécnico; Erivaldo Mota à frente da contrarregragem e Jaci Ribeiro na coreografia.



Imagem 1: anúncio na imprensa da revista *O Buraco de Otilia*, com destaque à vedete Mary Gil.

Fonte: *Jornal do Commercio*. Recife, 31 jan 1958, p. 6

Declaradamente avesso ao teatro de revista, Valdemar de Oliveira, sem dúvida o mais influente e polêmico cronista/crítico teatral daquele período, rendeu-se, em parte, ao sucesso de *O Buraco de Otilia*, reiteradamente chamada por ele de “revistinha” – diminutivo que já expressa um juízo de valor –, dando-lhe, ainda assim, duas crônicas em sequência (algo inédito para o gênero em questão), sem deixar de salientar que o Teatro de Santa Isabel, assim como outras grandes casas de espetáculos Brasil afora, não era palco para revistas, nem para ingressos muito baratos, como os cobrados mais à frente pelo espetáculo, certamente no intuito de popularizar a peça cada vez mais. Foi esta a avaliação que ele lançou em sua coluna no *Jornal do Commercio* (W., 4 fev 1958: 6):

Não que deixe de considerar deslocada, no [Teatro de] Santa Isabel, a revistinha, ao gosto pouco exigente da plateia brasileira, pois não vejo possibilidade alguma de assistir nos primeiros teatros das grandes capitais espetáculos nem semelhantes nem do mais alto padrão no gênero. [...] Sucede, porém, que este pobre Recife só possui mesmo o Santa Isabel. E é desumano – no mínimo – ver chegar um ator conterrâneo, com sua modesta Companhia, precisando trabalhar para manter o seu conjunto, e lhe negar o único teatro da terra, conservando-o de portas fechadas.

(W., 4 fev 1958, 6)

Bandeira de luta constante dos seus escritos, no intuito de que o Recife pudesse ganhar novas casas de espetáculos mantidas pelo poder público, Valdemar de Oliveira ou esqueceu de listar outros espaços que funcionavam na capital pernambucana (já citados anteriormente neste artigo), ou preferiu se ater àquele que inegavelmente era o mais bem equipado da cidade. Independente desta sua posição, que quase não admitia ver num palco “sagrado” e de “cunho familiar” a irreverência perigosa do teatro de revista – a começar do título “quase indecente” da obra em questão –, o cronista não deixou de salientar que Valença Filho havia cumprido com o prometido, oferecendo “um espetáculo honesto, quase limpo, cena a cena demonstrando um esforço bem intencionado”, isto porque soube cercar-se de alguns bons elementos disponíveis no meio teatral profissional recifense, além de ter investido “boa soma na montagem e no desempenho” (W., 4 fev 1958: 6).

Assim, Valdemar de Oliveira deixa claro que para se fazer uma boa revista é preciso fugir do descuido de produção e de interpretação, do mau gosto e, especialmente, da apelação, algo que ele iria abordar mais à frente. Ainda nesta primeira crônica dedicada a *O Buraco de Otília*, o jornalista apontou uma fragilidade técnica da montagem, a ausência de um diretor geral (sem citar que Lúcio Mauro estava nesta função) para evitar “certas demasias”, a exemplo de uma desnecessária passarela no proscênio, visto que o Teatro de Santa Isabel não possuía refletores convenientemente dispostos a tal distância. E justificou: “O resultado não se fez esperar: quem vinha à passarela caía em zona escura, mau grado se acenderem algumas fontes de luz na segunda coluna. Parece que ninguém atentou nisso, pois o que se via nas evoluções avançadas era mais um desfile de sombras” (W., 4 fev 1958: 6).

Dedicando uma segunda e última crônica de avaliação crítica a esta produção revisteira de Valença Filho, numa forma de lhe reconhecer algum mérito, é bom destacar, Valdemar de Oliveira, no *Jornal do Commercio* (W., 5 fev 1958: 6), não se furtou a lançar elogios para o que pôde perceber da dramaturgia à cena:

“O Buraco de Otília”, de Valença Filho e [Luiz] Maranhão Filho, não difere, quanto à construção, das revistinhas de hoje em dia. [...] Todavia, é patente a preocupação de limpeza no texto; de bom ritmo na sucessão dos quadros; de variedade nos cenários; e de propriedade no guarda-roupa. Os *sketchs* (sic) são, via de regra, engraçados, mesmo quando velhos, de longas barbas brancas, como o do registro civil, ou quando erguidos sobre anedotas que por aí correm *na boca do povo* [grifos nossos]. [...] Não regateemos os elogios que merecem, por sua atuação, Lúcio Mauro, Lourdes Bergmann, Lindberg Leite e José Bustorff. Mas, a referência que mais se impõe é ao próprio Valença Filho, que nos aparece, por força de sua tarimba de

alguns meses por esses mundos do Norte, um cômico de largas possibilidades no gênero revista. Aqui e ali entrega-se a certos excessos dispensáveis, mas, em geral, seus recursos cômicos se mostram muitos e bons. [...] Um corpo de *girls*, ainda sem a *soublesse* requerida, porém simpático e vivaz, se exibiu em marcações sem maior relevo. Caboclinhos apareceram, mas não os souberam dispor para obtenção de melhores efeitos plásticos. Vedetas, não as pude identificar bem, salvo Mary Gil, que me parece bem interessante. E há ainda um cantor e instrumentista negro – o nome? [Dominó] – que não deve ser esquecido nesta breve nota. Por fim: orquestra, bem. (W., 5 fev 1958: 6)

O jornalista se propôs ainda a colaborar com o espetáculo, apontando o que poderia ser melhorado ou excluído, numa perspectiva clara da crítica em seu caráter de autoridade disciplinatória. Tanto que, obediente às normas de uma cidade ainda extremamente homofóbica, Valdemar de Oliveira fez questão de revelar o pior defeito da revista, a presença, em alguns quadros, da “figura asquerosa do invertido sexual”, um gay em cena, e, ratificou, “é aí que a gente tem pena do Santa Isabel e lamenta que numa revista que se diz pernambucana surjam tipos assim, comuns no Rio, mas raros aqui” (W., 5 fev 1958: 6). Sua posição é tão radicalmente contrária à visibilidade do homossexual no teatro, porque, na percepção que ele tem do seu lugar e, o que é mais curioso ainda, do meio social em que vive (o artístico, inclusive), os gays ainda não se achavam realmente incorporados à sociedade e, diante desta ausência, segundo ele, valia a pergunta: “[...] por que haveremos de explorá-los em trabalhos teatrais destinados à focalização de flagrantes locais? Essa é a mais severa restrição a fazer-se à revistinha” (W., 5 fev 1958: 6), completou².

Na sequência, outros aspectos negativos foram elencados, como a exploração de antigas marchinhas cariocas numa revista que se dizia autenticamente pernambucana, sem trazer à tona marchas carnavalescas do estado “igualmente antigas, bem nossas”, e a escassez de músicas da própria terra, “inclusive alguma inédita que poderia constituir um grande lançamento nesta época carnavalesca” (W., 5 fev 1958: 6), lamentou. Ou seja, em nome do decoro e da exigência de uma pernambucanidade mais latente, Valdemar de Oliveira, ainda que teça elogios a elementos

² É intrigante a perseguição que Valdemar de Oliveira faz à homossexualidade. No livro *208 Crônicas da Cidade* (1971: 84-85 e 138), título de uma coluna que o jornalista assinava no *Jornal do Commercio*, há pelo menos três artigos que condenam veementemente os chamados “dodóis que o Rio nos manda” ou “seu mais asqueroso artigo”, reclamando da presença de gays cariocas nos bailes de carnaval, nos concursos de fantasia, jantares, teatros ou mesmo a céu aberto em Pernambuco, como “ignóbeis espetáculos de baixa moral, que não degradam apenas um povo, mas a própria espécie humana”. Isto porque ele considerava o Recife “terra de homens”, “onde há tradição de virilidade a resguardar”. O título dos artigos já deixa às claras sua posição no assunto: “Os imundos” (publicado originalmente em 24/2/1963), “As bichas” (6/3/1963) e “Desagravo” (17/11/1966).

presentes n’*O Buraco de Otilia*, não deixou de apontar fragilidades de algumas das escolhas, explicitando, sem meias palavras, o seu perfil conservador – inclusive na aversão aos homossexuais – e de voz incontestemente e contrária às revistas para além do seu já conhecido entorno, nos teatros populares como o Almare, o Marrocos ou o ao ar livre da Festa da Mocidade, palcos deste gênero que, por várias vezes, foi massacrado por ele especialmente por situar-se cada vez mais no limiar da imoralidade.

Pelo que consta nestas duas primeiras críticas, independente do sucesso que a peça vinha fazendo junto ao público, já dá para perceber que o resultado cênico da revista deu o que falar. Medeiros Cavalcanti, em escrita para o *Jornal do Commercio* (8 fev 1958: 6), também chegou a ressaltar que a produção assinada por Valença Filho só pôde ser aceita no Teatro de Santa Isabel “porque infelizmente o Recife é a cidade de *um teatro*”, mas, desde o início, ele sabia que o turma estava arcando com uma enorme responsabilidade. E, em nova crônica para o *Jornal do Commercio* (11 fev 1958: 6), apesar de apontar o defeito da “escassez de material humano” na equipe, o seu olhar foi bem mais benevolente com o produto ligeiro alcançado:

O palco do Santa Isabel abre-se demasiado grande e vazio para tão poucas figuras. O prólogo é uma apresentação musicada dos artistas que irão trabalhar. Surgem os caboclinhos, vindos da plateia. Aparece o maracatu e riscam passos no tablado os assistas, um, moço, outro, velho. Valença Filho desce da urdidura e salta do seu balanço, dizendo haver chegado de Brasília [cidade que ainda era um sonho de construção]. O público ri. Em tudo isso nota-se o desembaraço de Lolita Batista, que não nega suas origens circenses, alegre e desenvolta, formada num treinamento duro, onde se aprende muita coisa, inclusive a lidar com o público. Das garotas, a mais inábil é ainda Rina Maris, pouco segura diante da plateia. O primeiro quadro é o do restaurante da Otilia (na realidade *Capibaribe*, com o nome marcado na louça, um pessoal limpo e agradável, serviço perfeito), onde Valença atua com as coristas e vedetes (aliás, está tudo misturado e as vedetes passam como coristas e vice-versa). Logo depois vem *Dominó*. Não falei no seu domínio do pandeiro. É algo que agrada aos olhos de quem procura “o difícil”, aquilo que só se pode fazer com treino e habilidade inata. *Maternidade das Vovozinhas* desperta algum interesse e é sustentado pela comicidade de José Bustorff e Valença Filho; a sua ideia final é que me parece velha, embora constitua sempre um “tiro”. “Gerdesete”, um número musical com coreografia de Jaci Ribeiro, é uma das revelações da revista; o número em si é gracioso e as garotas se exibem metidas em “shorts”. “Ponto Político” é a ver-rinada indispensável à nossa política, com os nomes dos candidatos postos em jogo, num curioso sorteio para se saber qual dos propagandistas, portadores de cartazes, poderá ficar com o ponto. Um eleitor que passa decide a parada, nada resolvendo. Elvia Lane, se bem que pouco comunicativa, é uma cantora bastante atraente; o perigoso é que ela está a repetir o que canta e, n’*O Buraco de Otilia*, aparece com uma canção já ouvida na Festa da Mocidade. “Os Dois Napoleões” é um caso entre loucos, passado na Polícia, e o mais louco é o soldado (Valença); o final é engraçado,

mas previsível e nada cristão. Previsível porque o próprio Valença “prepara” demais o efeito conclusivo. Número original o da “Marcha dos Presos”. Merece referência especial o quadro de [Luiz] Maranhão Filho (há quadros na revista de Valença), “Romeu e Julieta”, desempenho de Lúcio Mauro e Lourdes Bergmann. (CAVALCANTI, 11 fev 1958: 6)

É a partir desta enorme descrição que podemos visualizar melhor o que acontecia no palco, já que o texto de *O Buraco de Otília* não foi encontrado por esta pesquisa. E pelo narrado, além de apostar na ideia de variedades, quadros independentes que se sucedem numa perspectiva de “passar em revista” fatos, a montagem é um exemplo certo do que a pesquisadora Tania Brandão (1988: 9) afirma ser o “desejo sempre presente” de qualquer revista: “de comentar a vida, os fatos destacados da realidade nacional ou mundial sob uma ótica de cumplicidade irônica e bem humorada”. Tudo isso para obter o efeito cômico, os “risos liberatórios”, afinal, “Uma revista interessa por sua atualidade” (BRANDÃO, 1988: 10). No caso de *O Buraco de Otília*, tudo estava mais do que às claras (dentro do permitido pela lei, claro), atualíssimo, com ideias, personagens, ditos, modas e chistes que despertaram o interesse da plateia de pronto.

O que se mostra é o que todo mundo já sabe, mas é preciso fazê-lo de uma maneira tão atual, tão contundente, que o público perceba de imediato, numa olhadela, sem hesitação, aquilo de que se fala. Para rir. Pois no teatro de revista não há exatamente ilusão, mas cumplicidade. (BRANDÃO, 1988: 12)

Tanto que, independente do que saía nos jornais, como uma forma de cancelar a qualidade ou não do que estava posto no palco do Teatro de Santa Isabel, o resultado de público surpreendeu a todos. A tal ponto que o cronista Medeiros Cavalcanti escreveu sobre o seu espanto no *Jornal do Commercio* (1 mar 1958: 6):

Espantou porque sendo modesta, com um guarda-roupa de espantoso mau gosto, onde a gente não sabe se são as cores ou as linhas que não combinam; sendo carnavalesca e, portanto, restrita a uma época que morre depressa, conseguia ser um espetáculo agradável, limpo, tão melhor que outras coisas vistas com artistas trazidos do Sul, vestindo roupas alugadas no “vuco-vuco” das pedrarias falsas e das plumas coloridas. (CAVALCANTI, 1 mar 1958: 6)

Depois de assistir por três vezes a *O Buraco de Otília*, Medeiros Cavalcanti, ainda nesta mesma crônica, fez questão de voltar aos “defeitos” e “virtudes” da proposta carnalizada, terminando por incentivar a equipe a seguir adiante com novas produções:

Defeitos graves, como aquele de pretender brincar com a gente de teatro num dos quadros – o que resulta monótono e incompreensível para a nossa plateia [...]. Mas estamos [...] testemunhando a fé de Valença Filho no seu trabalho, a seriedade com que esses artistas estão levando a sua companhia, datilografando elogios e artistas que se sobressaem, multando os que faltam, comandando os ensaios da próxima revista, estudando planos e textos para a terceira, imaginando o futuro dez ou quinze anos adiante. [...] Continue, Valença Filho. Invista mais dinheiro em melhores guarda-roupas e cenários. Contrate mais garotas. Eduque o seu pessoal, discipline-o, exija o impossível, coordene forças, elimine a discórdia, crie dentro de sua companhia uma “família teatral”, faça a sua orquestra, cerque-se aos poucos de técnicos. E sonhe, sonhe desabridamente, magnificamente com os grandes musicais que você montará daqui a dez ou vinte anos, não importa. (CAVALCANTI, 1 mar 1958: 6)

Popular e brincalhão

Tudo indica que o vitoriense Valença Filho, inicialmente assinando Wilson Valença, começou profissionalmente no teatro do Recife em 1952, como integrante do grupo Teatro Pernambucano, dirigido por Elpídio Câmara, sendo logo depois convidado a participar da companhia liderada pelo também ator cômico e empresário Barreto Júnior, onde atuou em algumas revistas e em muitas e variadas comédias. Em 1955, já à frente de sua própria Companhia de Comédias e de Revistas de Bolso, mandava notícias alvissareiras à imprensa pernambucana sobre excursões por lugares como João Pessoa, na Paraíba, com espetáculos populares de variedades, e cidades do interior de Pernambuco, a exemplo de Ipojuca. Naquele momento, textos como *Ladra*, de Silvino Lopes, e *Deus*, de Renato Vianna, faziam parte do seu repertório. “É sobremodo simpático para todos nós sabermos que um dos nossos está fazendo sucesso além de nossas fronteiras estaduais”, festejou o cronista teatral Isaac Gondim Filho no *Diário de Pernambuco* (2 abr 1955: 5). No ano seguinte, Valdemar de Oliveira, em crônica de análise sobre o teatro profissional do Recife escrita para o *Jornal do Commercio* (W., 30 nov 1956: 6), não foi tão entusiasta sobre a carreira trilhada pelo artista:

Wilson Valença tentou algo e muito prometeu, mas não tinha roupa na mochila: público pequeno, capital mesquinho, cultura precária. Se insistisse, poderia fazer alguma coisa. Não pôde insistir: precisava viver. Anda por esses mundos afora, com uma pequena flama de ideal ainda no peito, mas mortiça. (W. 30 nov 1956: 6)

Lançando a Companhia Portátil de Revistas Valença Filho em 1957, o artista-empresário começou por produzir as revistas *Tem Brotos na Praça*, de Mayerber

de Carvalho; *A Coisa, Agora Vai e Cine-Show-Revista*, as duas últimas de autores não divulgados, trabalhos que foram levados ao Norte do país, a Santos, em São Paulo, e a cineteatros dos subúrbios recifenses, segundo dados colhidos na imprensa. Mas foi com *O Buraco de Otília*, cuja estreia aconteceu no até então impensável Teatro de Santa Isabel, palco pouco receptivo ao gênero do teatro de revista, que sua trajetória deslanchou, ganhando a simpatia de um público bem maior e até da crônica teatral, mesmo que com ressalvas de alguns. Um detalhe curioso é que, naquele ano de 1957, depois de nove meses fora do Recife, Wilson Valença contou que havia prestado uma homenagem ao seu mestre Barreto Júnior, comico já afamado, ao rebatizar sua equipe de Companhia Portátil de Revistas “Barreto Filho”. Mas Barreto Júnior não gostou nada daquilo e prometeu abrir um processo judicial contra ele. Retrocedendo no almejado nome, “Valença Filho” ficou como a escolha mais acertada.



Imagem 2: O ator, dramaturgo e empresário Valença Filho.

Fonte: *Jornal do Commercio*. Recife, 13 mar 1958, p. 9.

Quanto ao sucesso popular de *O Buraco de Otília*, depois de atingir a 5ª semana de récitas e provavelmente por conta de compromissos anteriormente agendados no palco do Teatro de Santa Isabel, a revista pernambucana saiu de cartaz em plena consagração, mas o ator, revistógrafo e empresário Valença Filho, além de anunciar ida ao Rio de Janeiro para temporada de estágio na TV Tupi, prometeu não desistir da pauta que já conseguira no mesmo teatro, garantindo para isso contratar novos profissionais na capital da República. Ao saber daquele desejo do empresário de montar uma nova revista, Valdemar de Oliveira defendeu logo no *Jornal do Commercio* (W., 7 mar 1958: 6) que o melhor seria ele ocupar outra casa de espetáculos “sem preocupações de prazo certo para encerramento de atividades”, o Teatro Marrocos, no intuito de livrar o Teatro de Santa Isabel de gênero nada aceitável por ali, segundo sua visão. E emendou sobre o êxito do teatro de revista local:

É claro que Valença Filho não pode pretender que o Santa Isabel lhe seja cedido indefinidamente, enquanto brilhar a estrela do seu sucesso [...]. Está provado, com a 5ª semana de representações de “O Buraco de Otília”, que, sendo bom o espetáculo, há público para ele no Recife. Nem seria crível que somente se enchesse para a revista o teatro da Festa da Mocidade. [...] Aí está o Teatro Marrocos, como pouso mais indicado para Valença Filho, mesmo porque somente a situação de emergência em que se viu, de início, poderia justificar sua admissão no Santa Isabel. [...] No Marrocos, sabe-se, têm obtido farto sucesso companhias diversas. Não se pode dizer que o seu público seja arredo, pois ainda há pouco tempo ali ganhou muito dinheiro Milton Carneiro com suas porcarias. Ora, Valença Filho está no ponto justo da popularidade que lhe permite (e a oportunidade é esta!) deslocar-se, levando consigo o seu público. Se tem na brecha uma nova revista, o que tem a fazer de comercialmente sensato é empregá-la no lançamento de sua temporada no Marrocos. (W., 7 mar 1958: 6)

Em outra crônica de insistência, Valdemar de Oliveira reafirmou no *Jornal do Commercio* (W., 11 mar 1958: 6) que o Teatro de Santa Isabel não era o local indicado ao gênero revista, referindo-se ainda aos exemplos dos teatros municipais do Rio de Janeiro e de São Paulo, e que muito menos deveria ser cedido por tanto tempo a uma única companhia:

A permanência de um conjunto teatral numa determinada casa de espetáculos, sobretudo quando essa casa de espetáculos é única na cidade, não pode estar subordinada ao bom ou ao mau êxito da temporada de antemão fixada. Que sucederia se Valença Filho tivesse fracassado com “O Buraco de Otília”? Ter-se-ia retirado do Santa Isabel sem ressarcimento de prejuízos causados a outros candidatos já então impossibilitados de substituí-lo. Como, ao contrário, aconteceu ser bem sucedido, não pode pretender continuar no Teatro com prejuízo para os que legalmente o obtiveram para as datas seguintes. É obrigação destes (desde que conjuntos locais) tudo facilitarem, mormente se se trata de companhias itinerantes. Mas, se a companhia que pretende novos prazos é também local e dispõe de outra casa de espetáculos, muito mais indicada para o gênero que explora, não se compreende como não tenha desde logo adotado a melhor solução para todos – inclusive para ela. (W., 11 mar 1958: 6)

A resistência do mais afamado crítico/cronista teatral do Recife, Valdemar de Oliveira, ao gênero revisteiro e a sua clara demarcação deste para longe do “familiar” Teatro de Santa Isabel, pode ser medida não só pelo tipo de produção que chegava ao Recife, mas também pelo que se podia ver na então capital da República, o Rio de Janeiro. Como prova da questão, vale destacar a impressão dada àquele cenário atual por vários pesquisadores do teatro de revista, todos unânimes em apontar as

perspectivas pouco animadoras daí em diante. É o caso, por exemplo, da escrita de Delson Antunes no livro *Fora do Sério – Um panorama do teatro de revista no Brasil* (2004: 128-129):

Diante do baixo nível literário dos textos, da ausência de novas ideias e de uma renovação dos seus criadores, muitas produções apelavam para o erotismo, para a vulgaridade ou para números de *strip-tease* grosseiros. Os espetáculos transformaram-se em uma mera reciclagem de esquetes remendados, repetindo anedotas, quadros e músicas que funcionavam na revista do passado. O resultado: encenações redundantes, previsíveis, aprisionadas nos mesmos efeitos e executadas com os mesmos recursos. Raramente uma revista conseguia surpreender com grandes novidades. Os êxitos passaram a ser exceção. As temporadas encurtavam. (ANTUNES, 2004: 128-129)

Já Neyde Veneziano, em capítulo intitulado “A decadência” para o livro *O Teatro de Revista no Brasil: Dramaturgia e convenções* (1991: 52), faz um parecer nada promissor:

Em sendo um gênero diretamente ligado à atualidade, a revista sofreria, inevitavelmente, as transformações históricas do momento. A década de 60 nos reservaria profundas remodelações das estruturas sociais, econômicas e tecnológicas. Hávamos chegado à era da comunicação de massa. O povo, que já se deixava conquistar pelo cinema, ligava, agora, os aparelhos de televisão, em busca de diversão. Os palcos do teatro musicado, amordaçados pela censura política e contaminados pelos novos valores de comportamento, abriram cada vez mais espaço para a pornografia explícita. Houve, a partir daí, uma fragmentação do gênero. (VENEZIANO, 1991: 52)

Podemos concluir que *O Buraco de Otilia*, independente do avançar em alguns detalhes para além do permissível (a exemplo do título e de alguns excessos de improviso dos comediantes, como apontam as críticas), foi, realmente, uma exceção ainda ingênua. Tanto que as realizações de Valença Filho a partir de então ou não tiveram a mesma receptividade do público ou foram apontadas negativamente pela crítica recifense, quase sempre por terem-se rendido às imoralidades, algo bem mais presente na cena carioca, vide as avaliações anteriormente pesquisadas. “A sutileza, a malícia e o duplo sentido eram, gradativamente, substituídos pela licenciosidade verbal”, conclui Delson Antunes (2004: 133). Não foi diferente no Recife.

Após o sucesso de sua revista carnavalesca e com sabor local e ainda numa permanência no Teatro de Santa Isabel, *A Fofoca do Brasilino*, de Luiz Maranhão Filho, produção revisteira em 18 quadros, com estreia a 11 de março de 1958, foi a

nova aposta de Valença Filho. No elenco, um corpo de 14 coristas e quatro “boys”, sob direção coreográfica de Paulo Ribeiro e elenco de atores dirigidos por Valença Filho, incluindo o próprio Luiz Maranhão Filho como ator. A orquestra, a mesma da revista anterior, continuou sob a regência do maestro Rocha Lima; guarda-roupa de Nobre de Almeida e Fernanda Amaral; luz de Aníbal Mota; contrarregagem de Erivaldo Mota e George Castro; cenários de Mário Nunes, entre outros; “montagem” de Aluísio Santana, Jair Miranda e José Barros, cenógrafos ou cenotécnicos; e arranjos musicais do maestro Duda.

Ainda que Medeiros Cavalcanti, segundo registro que fez no *Jornal do Commercio* (13 mar 1958: 6), tivesse achado a nova obra “uma realização pernambucana que deixa longe, definitivamente, tudo o que nos tem sido mostrado nestes últimos anos por companhias profissionais do Rio, o grande, sedutor e tentacular Rio, Meca de teatro” e dado parabéns aos artistas envolvidos, ele não deixou de notar uma tendência que crescia, o apimentar das cenas, a começar da presença de “certos biquínis desnecessariamente escandalosos”, como lembrou em outra edição do *Jornal do Commercio* (14 mar 1958: 6). E, por outro lado, mesmo contrário àquela presença no palco do Teatro de Santa Isabel, Valdemar de Oliveira também escreveu sobre *A Fofoca do Brasilino* no *Jornal do Commercio* (W., 13 mar 1958: 6), para ele, uma “revista igual às outras na fatura: uma sucessão de quadros, ora cantados, ora declamados, ora dançados, sem fio de ligação entre si”. No entanto, ainda que o resultado não mostrasse originalidade alguma, o esforço de melhoria era evidente e bem sucedido: “[...] está bem feita, admitidas as naturais restrições ao gênero”.

Mas claro que ele não deixou passar em branco a “indecência” de parte dos figurinos, ou melhor, da ausência deles: “Admira-se um guarda-roupa variado e bonito, embora certo número de biquínis resulte nojento, pela escassez de pano e abuso de remelexo. Deve ser remodelado ou jogado fora” (W., 13 mar 1958: 6), sugeriu. A temporada desta que era divulgada como “Uma Revista 100% Moderna” até que foi vitoriosa de público no Teatro de Santa Isabel (não tanto quanto *O Buraco de Otilia*), mas acabou sendo transferida para o Teatro Marrocos a partir de 22 de março de 1958, encerrando com sessão tripla, às 16, 19 e 21 horas, no dia 6 de abril daquele ano, mesmo diante da ausência cada vez maior de espectadores. Medeiros Cavalcanti foi conferir o porquê e relatou sua impressão no *Jornal do Commercio* (20 abr 1958: 22):

E o que vimos foi toda a Cia. Valença metendo os pés pelas mãos e destruindo, alegremente, todo o trabalho anterior conquistado com as noites no Santa Isabel com “O Buraco de Otilia”. O que sucedeu? Simplesmente isto: “A Fofoca do Brasilino” abastardou-se. Está grosseira, antifamiliar. É preciso retroceder o quanto antes,

voltar ao clima anterior. Não temos público para isto. Se alguns riem, são uns debochados que sobraram na plateia porque não tinham um lar onde estar. Aqueles que prestigiaram “O Buraco de Otília”, os que foram ao Santa Isabel, dando receita ao Valença, permitindo-lhe a fantasia de comprar um guarda-roupa com que ele não sonharia meses atrás, não foram os que agora gargalham ante falsas piadas picantes. Esses são elementos espúrios no teatro. São figuras de passagem. Vão lá uma noite e não voltam. E também desservem à propaganda. (CAVALCANTI, 20 abr 1958: 22)

Concluindo sua estada no Teatro Marrocos e após viagem ao Rio de Janeiro a fim de fechar turnê para sua companhia recifense de revistas, Valença Filho trouxe “um guarda-roupa de encher a vista!” e prometeu estrear *Ou Vai... Ou Racha!*, original de Mayerber de Carvalho, no intuito de também chegar à terra carioca futuramente. Medeiros Cavalcanti, no *Jornal do Commercio* (12 abr 1958: 6), contestou ironicamente os comentários maldosos que davam conta de que a equipe recifense não estava preparada para enfrentar a “Metrópole”, terra daquele gênero por excelência:

Mesmo que a Companhia do Valença fosse tão ruim quanto as que por aqui têm aparecido, as dos Geysas [Bôscoli], dos [Walter] D’Ávila, dos Colé [Santana], com pessoal arrebanhado às pressas no desvão da praça Tiradentes, com guarda-roupa alugado, com esquetes velhíssimos, com piadas “cariocas”, com garotas desajeitadas (exceto para cavar a vida com os coronéis locais) e, às vezes, até desoladoramente feias [...], eu lhe diria: – Vá, homem de Deus! Vá dar ao Rio o troco das temporadas infames que ele nos tem mandado a título de teatro de revista, com pornografia e tudo!... (CAVALCANTI, 12 abr 1958: 6)

E aproveitando uma opinião buscada na imprensa sobre o panorama teatral carioca, ele complementou mais à frente, no *Jornal do Commercio* (13 abr 1958: 6):

[O crítico] Renato Vieira de Melo escreve em “O Jornal”: “...vemos, no momento, tantos espetáculos medíocres em cartaz que ficamos a imaginar o que seria do público se esta cidade possuísse muitos teatros para abrigar o conluio dos maus atores e dos péssimos autores que andam por aí”. Aproveita, Valença Filho; toca a tua companhia de revistas para o Rio. O carioca está pedindo coisa nova mesmo. (CAVALCANTI, 13 abr 1958: 6)

A 27 de abril de 1958 a revista *Ou Vai... Ou Racha!*, de Mayerber de Carvalho, estreou no Teatro Marrocos como nova investida da Companhia [não mais Portátil] de Revistas Valença Filho, luxuosamente vestida, vale salientar. No elenco, destaque para a inserção dos atores Paulo Ribeiro e Liege Rocha. Mas o resultado não agradou a Medeiros Cavalcanti que, usando da graça para desbancar a revista

no *Jornal do Commercio* (29 abr 1958: 6), pontuou que o trabalho carecia de um texto “de imaginação e humor sadio”, pois o que se via era a tentativa de fazer humor “apelando para a piada indecente, o trocadilho grosseiro, a expressão crua, fingindo um ‘double sens’ [duplo sentido] impossível”:

Na nossa opinião, não vai. Racha. E racha logo depois do prólogo, movimentado, atraente, que fazia supor muita coisa boa, principalmente porque ali tínhamos diante dos olhos um guarda-roupa que – esse, sim! – é o primeiro luxuoso que uma companhia profissional nossa apresenta no Recife. Mas foi tudo em vão. [...] Estamos, sem dúvida, diante de um grande esforço da Cia. de Revistas Valença Filho, essa mesma na qual confiamos que poderá levar ao Rio, em setembro, um repertório de Pernambuco digno da Metrópole. Mas o que se faz agora é desmanchar a magnífica impressão de “O Buraco de Otília” e mesmo de “A Fofoca do Brasilino”, revistas sem a riqueza da montagem desta atual, mas infinitamente superiores [...]. “Ou Vai... Ou Racha!” não tem um esquete que preste. (CAVALCANTI, 29 abr 1958: 6)

O retorno desastroso de crítica e público fez Valença Filho voltar-se novamente à produção de comédias (na sequência, *A Cegonha se Diverte*, de André Roussin, e *O Inimigo Íntimo*, de Pacheco Filho, ambas no Teatro Marrocos), mas, segundo Adeth Leite no *Diário de Pernambuco* (6 ago 1958: 14), o mesmo já apontava para novas perspectivas de trabalho no teatro musicado, já que “a coisa não lhe saiu como a princípio, vantajosa. Mesmo porque, cômico por excelência, o ator Valença Filho não se sente à vontade numa comédia, como à vontade se conduz nos *sketches* (sic) de uma revista”. E antes de nova estreia pela sua Companhia de Revistas e Comédias Valença Filho [note-se a mudança do nome da equipe], ele preferiu fazer voltar à cena a revista *O Buraco de Otília*, “o espetáculo mais alegre do ano”, em duas únicas apresentações, no sábado e domingo 14 e 15 de junho de 1958, no mesmo Teatro Marrocos, em sessões diárias às 19h30 e 21h15, para maiores de 14 anos, no projeto “Teatro Para o Povo”, ao preço único de 20 cruzeiros, graças ao patrocínio do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife.

Para setembro daquele ano, prometeu lançar *Tá Sobrando Mulher*, revista que reeditava a parceria dramaturgica entre ele e Luiz Maranhão Filho, mas o projeto acabou abortado, não se sabe se pelas dificuldades que o ator-empresário teve para encontrar vedetes que desfilariam de biquíni (isso foi cogitado na imprensa), ou porque o título de seu trabalho já constava numa revista do conhecido artista carioca Silva Filho ou ainda pela saída, por motivos não revelados, do coreógrafo Paulo Bezerra, que desistiu da empreitada.

A partir daí Valença Filho passou a dedicar-se somente ao gênero cômico

no Recife, abdicando de vez das revistas no seu repertório, pelo menos até o final da década de 1950, recorte desta pesquisa. Mas é importante registrar que em março de 1959, já atuando no Rio de Janeiro, o ator foi sequer citado na crítica do espetáculo *Tem Mulher, tô lá...*, com a empresa Ferreira da Silva, e que dois anos depois, segundo nota na coluna social do *Diário de Pernambuco* (DIVERSAS, 3 jan. 1961: 6), em visita a uma familiar doente no Recife, ele estava “atuando na Televisão Tupi e na indústria cinematográfica (produções Watson Macedo)”, a exemplo do filme *Virou Bagunça*, tendo Zezé Macedo como protagonista. E não se soube mais dele nos palcos revisteiros.

Por isso, é bom lembrar um alerta que o pesquisador Roberto Ruiz fez no livro *Teatro de Revista no Brasil: Do início à I Guerra Mundial* (1988: 120), extremamente válido para quem pesquisa o gênero para além deste momento: “Fazer o levantamento do teatro de revista no Brasil tem sido tarefa penosa aos pesquisadores das coisas do palco em nosso país, dada a fragmentação do material e a precariedade da documentação”. Este artigo tenta contribuir, ainda que minimamente, com toda essa história, e dando ênfase a uma terra ainda pouco analisada quando se trata de produções no segmento desse teatro de costumes que era espelho do cotidiano, também popular, musicado, crítico e ligeiro, palco também do teatro de revista “com sabor local”, o Recife.

Referências

ANTUNES, Delson. *Fora do Sério – Um panorama do teatro de revista no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

BRANDÃO, Tania. “É da Pontinha!”. IN: RUIZ, Roberto. *Teatro de Revista no Brasil: Do início à I Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: INACEN, 1988. p. 9-14.

CAVALCANTI, Medeiros. “A estreia de hoje”. *Jornal do Commercio*. Recife, 31 jan 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.

_____. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 fev 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.

_____. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 fev 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.

_____. “Cia. Permanente de Revistas”. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 mar 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.

_____. “A Fofoca do Brasilino – I”. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 mar 1958. Teatro. p. 6.

_____. “A Fofoca do Brasilino – II”. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 mar 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.

_____. “A volta do Valença”. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 abr 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.

_____. “Opinião sobre o panorama teatral carioca”. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 abr 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.

_____. “Roteiro coreográfico de Paulo Bezerra”. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 abr 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 22.

_____. “Ou Vai... Ou Racha!”. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 abr 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.

“DIVERSAS/Ator Valença Filho”. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 jan 1961. Primeiro Caderno/Diario Social, p. 6.

FERRAZ, Leidson. *O Teatro no Recife dos Anos 50: Tentativas de reafirmação da modernidade*. Recife: Ed. do Autor/E-book. Disponível em: <<http://www.teatrosantaisabel.com.br/conheca-o-teatro/publicacoes.php>>. Acesso em: 4 jul. 2019.

_____. *Um Teatro Quase Esquecido – Painel das décadas de 1930 e 1940 no Recife*. Recife: Ed. do Autor/E-book. Disponível em: <<http://www.teatrosantaisabel.com.br/conheca-o-teatro/publicacoes.php>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

GONDIM FILHO, Isaac. “Notícias da semana”. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 abr 1955. Teatro. p. 5.

LEITE, Adeth. “No buraco da Otília”. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 jan 1958. Espetáculos. p. 8.

_____. “Teatro musicado/Partida de dois atores”. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 ago 1958. Espetáculos. p. 14.

OLIVEIRA, Valdemar de. *208 Crônicas da Cidade*. Recife: GERSA – Gráfica Editora do Recife S.A, 1971.

PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. *Viva o Rebolado!: Vida e morte do Teatro de Revista Brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

RUIZ, Roberto. *Teatro de Revista no Brasil: Do início à I Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: INACEN, 1988.

VENEZIANO, Neyde. *O Teatro de Revista no Brasil: Dramaturgia e convenções*. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.

W. [Valdemar de Oliveira]. "A propósito... II". *Jornal do Commercio*. Recife, 30 nov 1956. Artes e Artistas. p. 6.

_____. "A propósito...". *Jornal do Commercio*. Recife, 4 fev 1958. Artes e Artistas. p. 6.

_____. "A propósito...". *Jornal do Commercio*. Recife, 5 fev 1958. Artes e Artistas. p. 6.

_____. "A propósito...". *Jornal do Commercio*. Recife, 7 mar 1958. Artes e Artistas. p. 6.

_____. "A propósito...". *Jornal do Commercio*. Recife, 11 mar 1958. Artes e Artistas. p. 6.

_____. "A propósito...". *Jornal do Commercio*. Recife, 13 mar 1958. Artes e Artistas. p. 6.

Artigo recebido em 31/05/2019, aprovado em 17/07/2019.